



- Leitor crítico — Jovem Adulto
- Leitor crítico — 7^a e 8^a séries
- Leitor fluente — 5^a e 6^a séries

FLÁVIA MUNIZ

Os Noturnos

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Rosane Pamplona

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?'*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: "trouxeste a chave?".

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

"Decifra-me ou te devoro."

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: "Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer".²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço móvel, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações

interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos lingüísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

◆ nas telas do cinema

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.



FLÁVIA MUNIZ

Os Noturnos

UM POUCO SOBRE A AUTORA

Flávia Muniz nasceu em Franca, no interior de São Paulo. Tornou-se pedagoga, coordenadora pedagógica e orientadora educacional, acumulando vários anos de experiência na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Em 1984 lançou seu primeiro livro pela Editora Moderna, *Fantasma só faz buu!*, passando, desde então, a dedicar-se à Literatura. Em 1989, criou vários roteiros de teatro na TV Cultura de São Paulo, para o programa *Bambalão*. Nesse mesmo ano, dois de seus livros receberam indicação para o Prêmio Jabuti de Melhor Livro Infantil: *Brincadeira de Saci* (Editora Scipione) e *O tubo de cola* (Editora Moderna). *Brincadeira de Saci* ganhou menção honrosa. Em 1991, lançou seu primeiro livro para o público jovem — *Viajantes do infinito* (Editora Moderna) — e ganhou o Prêmio APCA de Melhor Livro Juvenil. Trabalhou 13 anos na Editora Abril como gerente editorial, criando e editando com sua equipe várias revistas de ativi-

dades, livros, obras de referência e revistas em quadrinhos para crianças e jovens. Em junho de 2004, comemora 20 anos de trabalho em literatura infanto-juvenil, superando a marca de 2 milhões de livros vendidos. Tem mais de 30 obras editadas e continua atuando na área editorial.

RESENHA

O parque — patrimônio histórico do bairro — abrigava estranhos seres. Seres da noite, sobrenaturais: os vampiros, que André tentava contatar desde que encontrara um estranho livro na biblioteca. Até então, André vivia sua vida normal de adolescente, com sua irmã Ana Paula e sua mãe viúva. Do pai, herdara a paixão pelos filmes de terror, a atração pelos seres da sombra. Agora, um incidente no parque vinha confirmar-lhe as suspeitas: *eles* existiam! Seguindo as pistas que a intuição lhe dita, André trava conhecimento com o bando

dos vampiros, entre eles Luke, o rebelde, perigoso e sem escrúpulos, Nill, Daimon e Hiram, o príncipe, chefe do clã, que se apaixona por Ana Paula. O amor entre eles é verdadeiro e vivido com plenitude. André, depois de uma cerimônia secreta, torna-se o guardião de Hiram, a quem jura fidelidade, mas de quem exige a promessa de que jamais transformaria Ana Paula numa criatura das trevas. Luke desentende-se com o grupo, consegue a fórmula da transmutação e, assumindo a forma de Hiram, atrai Ana Paula para um encontro. A garota fica em pânico ao ver seu amado revelar-se um monstro de dentes aguçados e se joga do prédio; antes de morrer, porém, tem tempo de ver as feições do monstro se desmanchando — a fórmula tinha efeito passageiro. Ana Paula morre sabendo da inocência do amado, mas sua morte provoca um tumulto. Até André desconfia de Hiram, que, fora de si, mata Daimon, que conhecia o culpado do crime, mas preferira calar-se. O velho vampiro-mestre é invocado e condena Hiram ao exílio. Hiram vai atrás de Luke, mas percebe que a vingança já fora feita: Luke se transformara numa nojenta criatura disforme. Dez anos se passam. O vampiro-mestre encarrega André de localizar Hiram. O clã, destruído, necessita de um líder. E André entende que a lealdade sobrevivera em seu coração.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Num ambiente moderno de pizzarias, academias, gangues de moto, a autora vai desenhando um cenário sobrenatural, de vielas escuras e escadarias antigas, túneis e subterrâneos que abrigam os seres noturnos — os vampiros. Essa convivência entre o rotineiro e o imponderável, o dia-a-dia dos adolescentes e a eternidade das tradições ocultas prende a atenção do leitor, provocando-lhe calafrios. A dualidade vive tam-

bém nas atitudes das criaturas: capazes de delitos cruéis, dotados de poderes sobrenaturais, revelam sentimentos humanos, dão provas de respeito, amor e lealdade. Pela narrativa não ecoam moralismos, mas um apelo a uma compreensão maior desse universo temido e oculto, que pode ser entendido como o lado obscuro de cada um de nós.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: novela de terror

Palavras-chave: vampiros, magia

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Ciências

Temas transversais: Ética, Pluralidade cultural

Público-alvo: alunos da 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Chame atenção para o estilo de letra usado no título *Os Noturnos* e para a ilustração da capa de Postacchini: a paisagem noturna de um bosque cortado por uma trilha que parece desaparecer nas sombras, a luz que atravessa timidamente o cenário e que mal permite divisar a ramagem e o tronco esguio das árvores. Que hipóteses esses elementos permitem construir sobre o que vão ler?

2. Levante o interesse dos alunos sobre terror e suspense. Quem gosta do gênero? O que sabem sobre vampiros? Que filmes ou livros conhecem sobre o assunto? Permita que os mais “escolados” apresentem o que sabem aos outros.

3. Leia com eles a epígrafe que sucede a dedicatória “Aos espíritos do parque”. Pergunte como a interpretam.

4. Leiam juntos também a página do diário escrito em Veneza. Quem poderia tê-la escrito? Levante as hipóteses.

Durante a leitura

1. Cada capítulo é antecedido por textos poéticos, em sua maioria inspirados em letras de música de bandas conhecidas que a autora relaciona ao final do livro. Adiante isso aos alunos e sugira que procurem relacionar os poemas aos episódios narrados em cada um dos capítulos.

2. Proponha que os adeptos do gênero terror tentem identificar personagens e situações que remetam às de filmes ou livros que conheçam.

Depois da leitura

◆ *nas tramas do texto*

1. Abra espaço para comentários sobre a leitura e o tema que ela evoca. Pergunte à classe qual o momento de maior medo ou tensão da narrativa.

2. Recapitule os episódios narrados, pedindo que apontem os traços comuns com outras obras, identificados durante a leitura. Para a recapitulação, tente conseguir as músicas referentes aos textos de abertura de capítulos.

3. Retome com eles a epígrafe e a página do diário. Pergunte como as interpretam agora.

4. Ana Paula viveu um grande amor. Não terminou bem, mas enquanto durou foi intenso e sublime. Pergunte aos alunos se eles acham que valeu a pena. Oriente-os para que

entendam o episódio como uma alegoria sobre o preço que cada coisa tem na vida.

5. Estenda a reflexão para outros episódios, abrindo a possibilidade para uma compreensão maior da narrativa se entendida como uma alegoria simbólica.

6. *Escrevo ouvindo música. Sempre. A música completa as entrelinhas da imaginação.* É com essa afirmação que Flávia Muniz introduz a relação de canções da “trilha sonora” deste livro que a inspiraram a escrever os textos poéticos desta história. Que tal experimentar a receita?

Organize os alunos em duplas e proponha a eles escreverem um texto poético inspirando-se em letras de música como fez a autora.

◆ *nas telas do cinema*

Condenado à eternidade: esse é o drama do vampiro do filme *Nosferatu*. Essa trágica personagem foi criada pelo mestre do cinema expressionista alemão F. W. Murnau e genialmente reelaborada por Herzog em *Nosferatu, o vampiro da noite*. Confira as duas versões.

◆ *nas ondas do som*

Desafie o grupo a produzir o CD com a trilha sonora de *Os Noturnos* — as canções que a autora relaciona ao final do livro e que inspiraram os poemas de abertura dos capítulos.

Peça que “baixem” as músicas no formato MP3, acessíveis na internet através de programas específicos.

Não deixe de criar a capa e o encarte com a letra das canções.

◆ *nos enredos do real*

1. Promova um festival do terror. A cada dia, um aluno ou um grupo será incumbido de contar — ou mesmo apresentar e comentar — um filme ou história de terror. Abra espaço para discussões críticas: Que

qualidades fazem uma obra ser considerada boa e outra não? Que motivos fazem de uma obra um *cult*?

2. Leia para eles ou peça que leiam um conto de Edgard Allan Poe. (Sugestão: *Histórias extraordinárias*, da Abril Cultural.)

3. Em *Confissões de uma autora*, Flávia Muniz, além de apresentar suas motivações pessoais para a escolha do assunto, relata também a pesquisa que desenvolveu para escrever o livro. Entre elas aparece a sigla RPG, que vem da expressão inglesa *role-playing game*. Trata-se de um conjunto de jogos em que os jogadores interpretam personagens que vão enfrentar perigos desconhecidos por eles, com exceção de um jogador, o “Mestre do Jogo”, que é quem conhece o roteiro da aventura. Há vários sites, livros, jogos e revistas sobre o assunto. Proponha a seus alunos que façam uma pesquisa sobre RPG com o objetivo de jogar um dos jogos pesquisados. Seus alunos vão adorar, se é que já não há algum mestre entre eles.

No livro *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática* — coletânea de artigos organizada por Ligia Chiappini e Adilson Citelli, publicado pela Cortez —, há um capítulo que discute as possibilidades didáticas do jogo. Vale a pena conferir.

4. Vampiros são também morcegos hematófagos (que se alimentam de sangue), animais que nada têm de sobrenatural. Convide o professor de Ciências para falar a respeito do comportamento deles, que pode ter inspirado muitas das lendas vampírescas.

DICAS DE LEITURA

► da mesma autora

Possuída pelas trevas — Coleção Sete Faces do Terror, São Paulo, Moderna

Uma sombra em ação — São Paulo, Moderna

► sobre o mesmo gênero

Aproveite para apresentar a seus alunos Anne Rice, uma das mais criativas escritoras do gênero e que encanta os jovens leitores: *O vampiro Lestat* — Anne Rice, Rio de Janeiro, Rocco

Entrevista com o vampiro — Anne Rice, Rio de Janeiro, Rocco

A hora das bruxas I e II — Anne Rice, Rio de Janeiro, Rocco

► leitura de desafio

Drácula, de Bram Stoker, Porto Alegre, L&MP, um clássico do terror. Toda a narrativa é feita através de cartas e páginas de diário, o que a torna muito intimista e original.